

Mercedes Ruiz. Um corpo que respira baile

Festival. Nome forte das novas gerações do flamenco, estreia-se em Portugal, no dia 18, no encerramento do Festival de Teatro de Almada

ANA CARREIRA
em Jerez de la Frontera

O calor na sala é implacável. Mercedes Ruiz escorre, volta e serpenteia sobre si feroz e imune à térmica. Acelera e abranda um compasso obstinado. Quando se suspeita da sua resistência sobrenatural, interrompe o ensaio, bebe água e dirige-se à porta. Abre as portadas e fixa o olhar no nada. Na rua. Inspira e expira uns minutos tranquilamente, reservada no gesto e no olhar dócil. A brisa de fim de tarde ordena tréguas ao calor inclemente do dia. Refresca-se e volta para dentro. Olha para os músicos e sorri. Parecem adivinhar cada se-

Chacón pisou as *calles* de Jerez, entre 1869 e 1929 com os seus amigos irmãos Molina. E Lola, a eterna Lola Flores, nativa do *barrio* de San Miguel, cuja estátua repousa a dois passos dali.

Por estes dias, a herança do flamenco ecoa nas garras tenazes das novas gerações, perpetuando a história entre as cordas das guitarras, o grito do cante e os sapatos de baile. Mercedes tem um sapato tatuado nas costas. Desde os 4 anos que dança. Aos 36, mantém-seno estre-lato. Aprendeu com os melhores, arrecadou vários prémios e faz render plateias ao seu magnetismo.

Treina-se pelo menos três horas por dia, todos os dias, os raros fins de semana livres sabem-lhe a férias

com a família. É casada e tem uma filha de 6 anos. Aclamada pela crítica internacional, distingue-se pela modernidade, honrando a tradição do flamenco. “Mercedes é a união perfeita entre a tradição e o arrojo,

entre o conhecimento do flamenco na sua raiz e o domínio de uma técnica apuradíssima, mas com um sentido expressivo único. É uma mulher com medos e inseguranças, mas entra em palco e torna-se magnética”, dirá Paco López, o seu diretor de cena, com quem trabalha há cinco anos, desde que Mercedes lhe pediu para evoluir enquanto intérprete.

Também Rodrigo Francisco, diretor do Festival de Teatro de Almada, não pensou duas vezes quando lhe falaram da bailarina e lançou-lhe rapidamente o convite para atuar na última noite do festival. Sente que Mercedes Ruiz se inscreve no núcleo de criadores que aliam a tradição popular à modernidade e à evolução, retendo para si um perfil especial. “Parece-me que ela



Bailaora tem “duende”, diria Lorca dos artistas com uma energia difícil de explicar. Basta ver Mercedes Ruiz a dançar para, ao fim de poucos minutos, sentir essas ganas que lhe percorrem o corpo todo. Em Almada, espera contagiar o público com alegria

reúne tudo isto e também, o que é para mim o mais importante, tem ‘duende’, como diria García Lorca dos artistas que ficavam possuídos por uma energia difícil de explicar. Mágica, talvez, e só nestes minutos de ensaio se percebeu que algo opera dentro dela”, justifica.

Filha de Jerez

Bebemos café gelado enquanto a bailaora descansa o fôlego para as entrevistas e fotografias. Chinelos, *top*, calças de ganga, aceita amavelmente trocar o figurino para um vestido vermelho comprido. Cabele negro e tronco arqueado, faz a pose, banindo o artifício e explorando a simplicidade. Em segundos, o furacão que vimos há instantes impermeável ao calor retorna à pessoa simples, tímida e frágil de Mercedes. “A minha mãe achava que eu iria ter queda para a dança, via-me a dançar com as bonecas, ti-

nha uma forma especial de mexer as mãos. Pôs-me numa escola de dança aos 4 anos”, começa por contar. Os olhos brilham quando lembra o privilégio de ser de Jerez. “O flamenco aqui está em todo o lado, tive a sorte de o descobrir.” Ruiz é filha da terra mas não é filha de gitanos, nem sequer tem bailarinos ou músicos na família. Desde que se lembra, respira o “baile” nos poros, sob a pele. “A arte nasce conosco, nem os meus pais ou irmãos são ligados ao flamenco, não ouvia flamenco em casa. Não conceivei a minha vida sem dançar”, revela.

Quando tinha 7 anos, a companhia do grande guitarrista Manuel Morao precisou de quatro miúdas para o espetáculo. O mestre escolheu-a. Acabou por ser treinada entre gitanos e nomes do postulado do flamenco. “A minha vida nessa altura era ter aulas com um professor particular e dançar nas digressões internacionais que comecei a fazer. Às vezes passava dois ou três meses fora, ia à escola internacional e à noite dançava. Para mim era algo muito natural, não era nenhum sacrifício, dançava todos os dias, com folgas pelo meio.”

Foi aos 12 anos que sentiu o enredo da dança a cavalgar-lhe nas veias como o sinal de que seria para sempre. Querida fazer do flamenco a sua vida, aperfeiçoar a técnica. O talento, esse, seguia inscrito no ADN. Trabalho árduo e os primeiros espetá-

culos a solo. Sonhos cumpridos no pestanejar dos nervos que a assolam sempre antes do palco. “Fico muito nervosa e parece que agora é pior. *Madre mía!* Dantes não tinha tanta consciência, somos mais ignorantes, e só queremos ir, pensamos pouco, vamos, vamos, é só o que está na nossa cabeça”, recorda.

O espetáculo *Junca*, o terceiro a solo, foi especial, dançou-o no Festival de Jerez e ganhou o prémio. Há 13 anos que fundou a sua própria companhia. “Querida dançar sozinha, por mim, tinha essa ambição, sentia que me faltava algo. Ter ganhado o prémio da Bienal de Sevilha foi a alavanca que me faltava para me aventurar sozinha”, conta, enquanto reflete sobre a verdade da experiência que vive em palco. “É a chamada experiência do coração, sabe? Amente desprende-se e saída alma.” Olha para o chão e sorri inteira da cabeça aos pés.

Técnica ao serviço da arte

Numa coreografia em que força e delicadeza atuam em conjunto, Mercedes considera que a técnica, para si, tem de estar ao serviço da arte. Esse é o pilar primeiro. “O público tem de se emocionar. A arte tem de lá estar. Requer muito, muito trabalho”, completa. E deixa o conselho aos alunos que a seguem por *workshops* Europa fora. “Não se pode encarar o flamenco como um exercício. É preciso ser-se aficiona-

do, gostar do cante, gostar da guitarra, isso ajuda a bailar bem, é preciso ter paixão!” Fala com intensidade, com o se defendesse uma bandeira.

No ano passado, Mercedes perdeu o pai e atravessou uma fase difícil da sua vida. A coreografia de *Ella*, estreado em fevereiro de 2015, foi um rodópio de catarse, onde a dança lhe permitiu “afugentar demónios”, segundo conta Paco López. Da parte que lhe toca, Mercedes quer sempre respeitar o flamenco na sua essência, mas nunca esquecendo o agora, o atual. “Respeito muito a origem, a fonte, a tradição, mas não posso ignorar que vivo em 2016, danço o flamenco como o vivo hoje em dia, não quero parar no tempo.”

Não há rituais antes da hora, apenas o pé direito que entra sempre primeiro. Tento estar muito concentrada e aqueço muito bem o corpo, tem de estar desperto desde o primeiro momento. Na noite de 18 de julho, estarão prontos o corpo e a alma de Mercedes Ruiz, a voz de David Lagos e as cordas de Santiago Lara. Mercedes convida todos para bailar com ela, na hora e meia em que apresenta a sua nova coreografia – *Deixa-me Que Te Baile*. Será a primeira vez em Portugal. “Sinto que quando terminar o público vai ficar com um sorriso, vai sentir alegria, é um espetáculo muito vivo e fresco, muito rítmico, e isso encanta-me. Tenho muitas *ganas* de ir!”

ALGUNS DESTAQUES

4 de julho

Orquestra Gulbenkian

Esc. D. António da Costa
► O festival é de teatro mas não só. Na abertura, um concerto. Para ouvir o *Peer Gynt* de Edvard Grieg, e ainda Donizetti e Bernstein.

5 e 6 de julho

Hedda Gabler

Casa da Cerca
► A atriz e encenadora norueguesa Juni Dahr pega na peça de Ibsen e faz um espetáculo intimista para apenas 60 espectadores.

Não D'Amores

Teatro Municipal Joaquim Benite
► A espanhola Ana Zamora e a sua companhia Não D'Amores interpretam o texto homónimo de Gil Vicente.

5 de julho

Pfades

Incrível Almadense
► Encenação de Ivica Buljan do texto de Pasolini com o grupo novaiorquino La MaMa.

6 de julho

May B

Esc. D. António da Costa
► Espetáculo criado em 1981 pela coreógrafa francesa Maguy Marin.

7, 8, 10 de julho

Um Museu Esquecido de Memórias Pequenas e Esquecidas

Teatro-Estúdio António Assunção
► Espetáculo de honra do festival, escolhido pelo público do ano passado. Um monólogo de quatro horas e meia de Joana Craveiro sobre as memórias do 25 de Abril.

7 de julho

Be Normal

Teatro Municipal Joaquim Benite
► Primeira peça do ciclo Novíssimo Teatro Italiano que traz a Almada cinco dramaturgias e criadores emergentes. *Be Normal* é um espetáculo do coletivo Teatro Sotterraneo.

8 e 9 julho

Città del Vaticano

Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa)
► Um olhar crítico sobre o Vaticano de Falk Richter com a Schauspielhaus Wien.

8 de julho

A Lição

Esc. D. António da Costa
► O Teatro Meridional estreia a peça de Ionesco em Almada, com encenação de Miguel Seabra.

10 e 11 julho

A Gaivota

Teatro Municipal Joaquim Benite
► Texto de Tchekhov, encenação do alemão Thomas Ostérmeier com a companhia suíça do Théâtre Vidy-Lausanne.

11 de julho

If at all

Esc. D. António da Costa
► Coreografia do israelita Rami Be'er com a Kibbutz Contemporary Dance Company.

12-17 de julho

O Feio

Teatro Municipal Joaquim Benite
► A nova produção da Companhia de Teatro de Almada é um texto de Marius von Mayenburg que questiona a noção de beleza (e de identidade). A encenação é do italiano Toni Caferio.

13 de julho

Housewife

Escola D. António Costa
► A solidão de uma mulher é o tema da peça de Esther Gerritsen, aqui encenada por Morgane Choupay.

14 e 15 de julho

Susn

Centro Cultural de Belém (Lisboa)
► Susn é uma jovem que se rebela contra o contexto social em que nasceu. Mais uma encenação de Thomas Ostermeier, desta vez com a Münchner Kammer Spiele.

14 de julho

O Terror e a Miséria (não só) no III Reich

Teatro da Trindade (Lisboa)
► A partir de Bertold Brecht, um espetáculo da Real Escuela Superior de Arte Dramático com encenação de Jesús García Rosado.

15 e 16 de julho

Pinóquio

Centro Cultural de Belém (Lisboa)
► A partir de Collodi, o autor de Pinóquio, espetáculo do francês Joël Pommerat com a Compagnie Louis Brouillard.

16 e 17 de julho

Rat

Teatro-Estúdio António Assunção
► Criação do argentino Juan Mako, esta é uma farsa sobre a mercantilização da arte.

16 de julho

Hotel Louisiana Quarto 58

Fórum Romeu Correia
► Joana Bárcia interpreta este espetáculo inspirado na vida e na obra do escritor Albert Cosserly.

Cimbelino

Esc. D. António da Costa
► Em estreia em Almada, António Pires encena a peça de Shakespeare com extenso elenco em que se incluem os alunos da ACT School.

17 e 18 de julho

Ricardo III

Teatro Municipal Joaquim Benite
► Mais uma peça de Shakespeare. Esta, com encenação de Tónan Quito, já esteve em cena no D. Maria II. Miguel Moreira ganhou o prémio SPA de melhor ator de teatro.

18 de julho

Deixa-me Que Te Baile

Esc. D. António da Costa
► O festival encerra com uma criação musical de Santiago Lara, com uma coreografia de Mercedes Ruiz.